

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ROSALBA A. AP. PEREIRA



FE

TCC/UNICAMP P414d

**O DIÁLOGO EM PAULO FREIRE: CONTRIBUIÇÕES DE SEU
PENSAMENTO PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO**

CAMPINAS

2009

1

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

20100501026

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ROSALBA A. AP. PEREIRA

O DIÁLOGO EM PAULO FREIRE: contribuições de seu pensamento
para a formação do pedagogo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Educação da Unicamp para
obtenção do título de Bacharel e
Licenciatura em Pedagogia, sobre a
orientação do prof. Silvio Ancízar
Sanchez Gamboa.

CAMPINAS

2009

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	Faculdade de Educação
V:	EX:
Tombo:	4655
PROC.:	134/10
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	09/04/10
CÓD TÍTULO:	44706

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

P414d

Pereira, Rosalba Alexandra Aparecida

O diálogo em Paulo Freire: contribuições do seu pensamento para a formação do pedagogo / Rosalba Alexandra Aparecida Pereira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Silvio Ancízar Sanchez Gamboa.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Diálogo. 2. Educadores – Formação. 3. Pensamento crítico. I. Sanchez Gamboa, Silvio Ancízar. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-041-BFE

Dedico à memória de meu pai, João Valeriano Pereira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Silvio S. Gamboa,

Ao professor Marcelo Donizete Silva,

À minha mãe Laide Maria

Às minhas irmãs Maria Suely, Romi e Jady,

Ao meu esposo Leandro Mendes pela constante colaboração neste trabalho.

Palavra-diálogo, de caráter igualitário, o verbo (logos) dos guerreiros é de tipo laico. Está inscrito no tempo dos homens e não dos deuses. Não é uma palavra mágico-religiosa que coincide com a ação instituída por ela num mundo de forças e potências; pelo contrário, é uma palavra que procede e sucede a ação humana, seu complemento indispensável [...] diz respeito diretamente aos negócios do grupo e aos que interessa nas relações de cada um com os outros. Instrumento de diálogo, esse tipo de palavra não tira mais sua eficácia de um jogo de forças religiosas que transcendem os homens. Funda-se essencialmente no acordo do grupo social que se manifesta pela aprovação e pela desaprovação [...] É na assembléia dos guerreiros que se prepara o futuro estatuto da palavra jurídica e da palavra filosófica, isto é, da palavra que se submete à publicidade e que tira sua força do assentimento de um grupo social. (Detiene, 1982, p 93-4)

SUMÁRIO

Resumo.....	8
Introdução.....	10
CAPÍTULO I - BIOGRÁFIA DE PAULO FREIRE.....	13
1.0- Quem foi Paulo Freire?.....	13
1.1- Contexto Histórico.....	19
CAPÍTULO II – A CONCEPÇÃO FREIREANA DO DIÁLOGO.....	24
2.0 – A Pedagogia do Diálogo	24
2.1 – A proposta do Diálogo na escola tradicional.....	35
CAPÍTULO III – PAULO FREIRE E A FORMAÇÃO DO EDUCADOR.....	37
3.0 – A proposta freireana do diálogo para a formação do educador.....	37
Considerações Finais.....	40
Bibliografia.....	42

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo destacar o papel do diálogo, tal qual o entende Paulo Freire, como uma ferramenta imprescindível para a educação na construção de uma nação mais solidária dentro do contexto democrático brasileiro.

Paulo Freire foi um educador notável, pois, trouxe para o cenário educacional o sujeito pertencente às camadas populares. E buscou a inserção social e política de jovens e adultos como produtores de história e de cultura. Em um momento que ensejava uma tímida discussão a respeito da participação do povo nas políticas do país.

Freire afirmava que a prática educacional é um ato político. Portanto, o diálogo deve estar presente, no ato de educar, como exercício da palavra e da reflexão. Reflexão a respeito de si e de seu mundo. Ora, em um mundo marcado pelas relações de desigualdade sociais, geradas pelas diferenças econômicas, a comunicação entre esses grupos passa por um filtro denominado ideologias. Neste contexto, a ideologia disfarça a tensão entre eles. Tal manobra tutela as camadas populares retirando-as do jogo político.

Pelo exercício da palavra no diálogo se abrirá possibilidades de fazer uma leitura atenta da realidade e, com a compreensão do papel social, o sujeito pertencente às classes populares, então consciente das ideologias dominantes, poderá optar por fazer um diálogo usando palavras do seu mundo. Essa que lhe foi negada na relação de exploração em que vive e que, quando restaurada, poderá repor sua dignidade e propiciará uma ação necessária para a pronúncia de enunciados que compõem sua existência.

Portanto, o diálogo, como o concebe Paulo Freire, propõe o exercício da palavra para superar a leitura ingênua imposta pelas ideologias das classes dominantes, a qual coloca a ordem social como algo natural, determinada por leis que permanecem imutáveis. A fim de chegar a um pensamento crítico e consciente da produção histórica e social da realidade. Realidade passível de mudanças tanto do ponto de vista material como do ponto de vista existencial.

A implicação do diálogo pedagógico conforme propõe o autor consiste em educar para transformar o mundo em um lugar melhor para se viver. E de maneira alguma tal investimento faz-se desnecessário para a formação do educador em nossos dias.

Em um momento em que o discurso neoliberal sobre a educação visa meramente o treinamento para a atuação no mercado de trabalho o que desconsidera a formação integral do ser humano, condenando pessoas a uma realidade opressora. O autor dirige suas críticas a esse discurso educacional que aparentemente se declara democrático, mas reforça a ideologia dominante e mantém as relações de poder de uma elite sobre as classes populares. Neste contexto, o diálogo é um exercício para a reflexão de elementos concretos da vida cotidiana, a fim de, buscar a superação da leitura ingênua da realidade podendo visualizar nela suas contradições. Assim, a educação passa a objetivar a formação integral do ser humano como produtor da história e da cultura.

Palavras –chaves: diálogo - educadores – pensamento crítico.

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o Dialogo em Paulo Freire. E para dar início a essa tarefa se apresenta as seguintes questões. Como se coloca o diálogo em Paulo Freire e quais contribuições deste para a formação do pedagogo. Utilizando como referencial teórico, principalmente, as obras deste autor intituladas Pedagogia do Oprimido, Educação como prática da Liberdade e Pedagogia da Autonomia.

O assunto abordado refere-se ao diálogo, e para uma aproximação ao tema pode-se ler no dicionário escolar da Língua Portuguesa (1986) o verbete dialogar, tomado a princípio como uma simples conversa entre duas o mais pessoas, ou ainda entre uma pessoa e uma coisa.

Também observa-se no dicionário o termo diálogo como um elemento da comunicação, exposição de idéias por perguntas e respostas. Um objeto da linguagem, podendo ser considerado como elemento de manipulação, que se apresenta no meio social, marcado por técnicas, cuja finalidade se traduz na

obtenção de melhores resultados, ou como uma tática para fazer amigos e na escola, para conquistar os alunos.

Moacir Gadotti (1989 p.151), apresenta o verbete na perspectiva freireana.

Diálogo: Ao refletir sobre a prática (seu trabalho cotidiano) e atuar sobre ela, homens e mulheres necessitam comunicar-se. Dialogar é atuar e pensar como sujeitos e permitir que outros sejam sujeitos críticos. Tal é a ação, só é possível na educação libertadora. A posição contrária é o antidiálogo.

Mas nem toda a forma de expressão ou comunicação pode ser considerada um diálogo. Paulo Freire coloca algumas condições para que o diálogo aconteça. A primeira delas tem como base o respeito aos educandos, em sua individualidade e cultura. Sem esse respeito, a comunicação se apresenta de forma vertical, hierarquizada, onde o professor fala e os alunos obedecem. A segunda diz respeito ao saber escutar, atitude fundamental para o educador que se coloca numa relação dialógica.

De acordo com Paulo Freire o diálogo é uma oportunidade que o homem tem de se constituir como sujeito histórico e social. Assim, a comunicação entre os sujeitos possibilita a construção de uma consciência crítica. E dessa forma, os homens são comunicativos e ao se constituir como sujeito do diálogo tornam-se conscientes das amarras ideológicas.

A partir dessas considerações a presente pesquisa oferece o seguinte percurso.

O Capítulo I faz referência a vida de Paulo Freire, considerando o contexto histórico em que produziu seus trabalhos que o consagraram como educador mundialmente reconhecido. Foram selecionados dados biográficos do autor cujas informações obtidas nos relatos sobre a vida de Paulo Freire, junto com algumas considerações sobre o contexto histórico oferecem um panorama relevante para a pesquisa.

O Capítulo II traz uma análise do diálogo na perspectiva freireana, descrita no livro Pedagogia do Oprimido do diálogo. Também descreve suas considerações sobre o diálogo na escola tradicional.

E por fim, o Capítulo III, pretende mostrar a relação entre diálogo proposto por Freire e a formação do Educador, considerando as contribuições do pensamento deste autor para a formação do pedagogo e de acordo com as considerações finais tais reflexões podem possibilitar um caminho para práticas educativas relevantes às classes populares.

CAPÍTULO I – BIOGRÁFIA DE PAULO FREIRE

1.0 – Quem foi Paulo Freire?

O estudante ao entrar em contato com diferentes documentos oficiais de domínio público, sobre a biografia de Paulo Freire, observa as inúmeras publicações já existentes. Para melhor compreender o pensamento de Paulo Freire busca-se uma pesquisa biográfica que enfoque uma aproximação com o autor para investigar o seu mundo, seu cotidiano, seus valores e suas opiniões que foram registradas em documentos oficiais e publicadas. Conseqüentemente, o trabalho exige um recorte destes documentos nos termos de Jacques Lê Goff (1995) no livro intitulado “História e Memória”, no capítulo em que trata da questão Documento/Monumento onde versa sobre o papel do pesquisador na escolha e no tratamento das informações com as quais pretende trabalhar. As possibilidades de se abordar um documento permite ao pesquisador mobilidade para compreender as condições de produção do assunto a ser discutido.

Nos textos abordado Paulo Freire foi apresentado como um pensador da área da educação que buscou relatar em sua obra, a formação do ser humano. Ele valorizou a existência, o cotidiano de pessoas simples. Denunciando uma sociedade marcada pela desigualdade e pela injustiça social. Ao passo que afirma as possibilidades de mudanças Assim, Paulo Freire (2001 p.88 e 94) escreveu no livro Pedagogia da Autonomia

E a partir desse saber fundamental Mudar e difícil mas e possível, que vamos programar nossas ações política pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos e a alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão de obra técnica. [...] Programados para aprender e impossibilitados de viver sem a referencia de um amanhã, onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.

Ana Maria Araújo Freire (1996) apresenta no livro intitulado Paulo Freire: uma biobibliografia, no texto A voz da esposa: A trajetória de Paulo Freire desde o nascimento do autor, sua vida afetiva e profissional, sobretudo durante o período em que estiveram juntos.

Ela mostra o caminho de Paulo Freire desde o nascimento passando pela infância no Recife até a maturidade quando reconhecido como pensador da educação. Descreve o método Paulo Freire ressaltando sua importância, eficácia e utilização em todo o mundo. Um método de alfabetização que trouxe oportunidade para homens e mulheres se apropriarem da leitura e da escrita. Grupos de pessoas que passaram a fazer parte do Circulo de Cultura e exercendo o diálogo entre os trabalhadores que passaram de uma compreensão ingênua para uma leitura crítica da realidade.

A Biografia escrita por Carlos Brandão (2005) apresenta um texto claro, linguagem simples, inúmeras fotos, bilhetes e anotações escrita por Paulo Freire que permite uma observação de aspectos da vida do biografado e aspectos de sua época. Paulo Freire Educar para Transformar, o título proposto por Carlos Rodrigues Brandão em parceria com O Instituto Paulo Freire, a Petrobrás e a Fundação Banco do Brasil no projeto Memória 2005. Brandão apresenta um livro fotobiográfico, onde evidencia o caráter emancipatório político da empreitada freireana.

Brandão apresenta Paulo Freire como cidadão do Mundo reconhecido e premiado por seu trabalho de educador. Assim, comenta Brandão no referido livro acima citado sobre a vida de Paulo Reglus Neves Freire que nasceu em 19 de setembro de 1921. Na cidade de Recife, capital de Pernambuco. Filho de Joaquim Temístocles Freire e de Edeltrudes Neves Freire. O pai foi oficial da polícia militar e a mãe bordadeira. Quando Paulo Freire completou 10 anos, sua família mudou-se para a cidade de Jaboatão e aos 13 anos de idade, o pai faleceu.

Sua infância foi marcada pelas sombras das mangueiras no quintal no bairro da Casa Amarela.

Quando era estudante dedicou-se aos estudos de filologia e de filosofia da linguagem e durante o curso de Direito do Recife já lecionava Língua Portuguesa.

Em 1944 casou-se com Elza Maia Costa de Oliveira e com ela teve cinco filhos Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes.

Formou-se bacharel em Direito em 1947, período em que assume a Diretoria de Educação e Cultura, do Sesi em Pernambuco.

Trabalhou durante dezessete anos no Sesi do Recife na década de 1950, período em que se aproximou dos trabalhadores analfabetos. Em uma época que está presente a preocupação com o desenvolvimento econômico. Momento marcado pelo discurso populista, quando os governantes divulgavam o plano nacional alfabetização. Num cenário onde o analfabetismo foi tomado como um problema que deveria ser resolvido.

Os primeiros trabalhos de Paulo Freire visavam criticar a alfabetização de adultos, tal como acontecia na época, quando se usava como recurso didático a cartilha de alfabetização comum tanto para a criança como para o adulto, nela o universo infantil predominava e por isso se constituía um recurso pouco atraente para o adulto.

Recebeu o título de Doutor em Filosofia e História da Educação em 1960, em 1961 o título de Livre Docente da Faculdade de Belas Artes ingressando como professor da Universidade do Recife, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

No governo de João Goulart, Paulo Freire realizou a experiência de Alfabetização de Angicos no Rio Grande do Norte, ocasião pela qual criou as bases do programa Nacional de Alfabetização. A alfabetização acontecia nos Movimentos Populares conhecidos como Círculos Populares onde as pessoas tinham

oportunidade de fazer a leitura fora dos padrões convencionais de sala de aula, todos em círculo, um do lado do outro realizando um encontro onde quem ensina aprende e vice-versa. As palavras ensinadas faziam parte de um diálogo crítico com seus companheiros e com o texto escrito.

Seu método de ensino centrava-se na palavra sobre a realidade do educando, uma palavra que após ser investigada, proporcionava o emprego da leitura do mundo e o aprendizado da escrita, fora dos padrões tradicionais impostos nas cartilhas de alfabetização da época. Paulo Freire enfrentou e obteve sucesso no seu projeto de alfabetizar adultos.

No livro *Pedagogia da Esperança* Paulo Freire demonstrou sua insatisfação frente à miséria, à discriminação e exploração de pessoas condenadas a viver a margens do sistema. Momento em que o regime militar governava o país e aumentava as desigualdades entre pobres e ricos, Paulo Freire se aproximou do povo expressando seu compromisso com a democratização social.

Durante o regime militar o programa Nacional é interrompido Paulo Freire foi exilado para a Bolívia, depois para o Chile quando escreve o livro *Pedagogia do Oprimido*. Logo em seguida vai para os Estados Unidos, depois Genebra de onde se dedica à educação em alguns países da África.

Em 1980 volta para o Brasil e publica em 1982 o livro *A Importância do Ato de Ler* em três artigos que se complementam.

Em 1986 morreu sua primeira esposa Elza Maia Costa Freire, ano que recebeu da UNESCO a premiação de uma das melhores experiências de alfabetização. Dois anos mais tarde casou-se com Ana Maria Hasche, foi secretário de Educação da cidade de São Paulo, momento em que defendeu a escola pública de qualidade, lecionou na PUC, na UNICAMP, participou da criação Instituto Paulo Freire e dedicou-se a escrever livros, artigos e conferências.

Paulo Freire morreu em 2 de maio de 1997 vítima de um infarto. O ato da leitura da biografia de Paulo Freire, as informações obtidas por meio do contato com documentos oficiais e fotografias do autor. Fatos divulgados propiciam dados importantes para a compreensão do pensamento do biografado e da sua prática pedagógica, se revelam instigantes. E são relevantes para uma tentativa de apreensão do processo dinâmico que é o desenrolar do pensamento freireano. Pensamento tomado como indissociável de uma trajetória que supõe uma prática pautada na ética pela vida. Assim, se faz necessário compreender melhor o contexto histórico, de quando Paulo Freire assumiu o projeto de Nacional de Alfabetização, momento em que buscou implantar os centros de cultura em todo o país Utilizando um método inédito para a época de alfabetização de adultos pertencentes as camadas populares

1.1 - Notas sobre o contexto Histórico

Segundo Beisiegel (1982) somente durante o governo de Vargas com o Estado Novo, a demanda pela escola pública passou a fazer parte dos anseios populares junto com os ideais de um Estado desenvolvimentista em que a educação do povo era visto como um fator de aperfeiçoamento de toda a sociedade

Já na década de 1940, os primeiros movimentos voltados para a extensão do ensino às grandes massas de adultos analfabetos respondiam, perfeitamente, àquelas características típicas atribuídas aos processos da educação para o povo. Pressupunham a necessidade de uma determinada educação para todos os habitantes, consideravam que esta educação devia estender-se a todos, mesmos quando nem todos tivessem consciência da necessidade individual e social de serem educados, deduziam e justificavam os conteúdos dessa educação necessária a partir dos conteúdos de um projeto de aperfeiçoamento da sociedade. (Beisiegel, 1982, p 50)

Paulo Freire participou ativamente da educação nacional durante o processo de redemocratização do país a partir dos anos de 1950.

Momento em que aumentou a participação política na escolha de representantes, possibilitando o acesso às eleições, mas colocou-se como condição para a participação política, saber ler e escrever, ou seja, estar alfabetizado. Em um

país de origem agrária, onde boa parte das pessoas viviam no campo, isso significava uma pequena parcela de alfabetizados entre a população nacional. Haja vista que, a maior parte da população alfabetizada se encontrava na cidade. Neste contexto, de tudo por fazer e de um cenário com os primeiros indícios democráticos é que avulta um personagem político importante na figura de Paulo Freire.

Conforme explica Gadotti ao comentar sobre esse momento histórico.

Em 1963, Darcy Ribeiro, que era ministro da Educação no governo João Goulart, pediu a Paulo que assumisse a representação daquele ministério junto a SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, que era chefiada por Celso Furtado. Era um cargo não remunerado, mas importante do ponto de vista político. Sua função seria discutir, com técnicos da SUDENE e com técnicos americanos da USAID – Agência Norte Americana para o Desenvolvimento Internacional- a aprovação de projetos de educação para o Nordeste (Gadotti, 1989, p 54)

Um paralelo possível seria situar o autor em um movimento maior dos grandes formadores do projeto de valorização da cultura brasileira. Onde guardada as devidas proporções, o esforço de Paulo Freire de inserção das camadas populares no processo de participação democrática, encontra paralelo e a mesma vocação intelectual do resgate da cultura indígena operada na obra de Darcy Ribeiro. Ou mesmo, o esforço intelectual para compreender o caráter nacional da Literatura no percurso da obra de Antônio Cândido. Freire afirmava que não há uma educação neutra e que todo ato de educar resulta de um ato político.

O Nordeste brasileiro, onde, no início da década de 1960, metade de seus 30 milhões de habitantes viviam na cultura do silêncio, como ele dizia, eram analfabetos. Era preciso dar-lhes a palavra para que transitassem para a participação na construção de um Brasil que fosse dono de seu próprio destino e que superasse o colonialismo. As primeiras experiências do método começaram na cidade de Angicos (RN), em 1963, onde 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias. No ano seguinte, Paulo Freire foi convidado pelo presidente da João Goulart e pelo Ministro

da Educação, Paulo de Tarso C Santos, para repensar a alfabetização de adultos em âmbito nacional. Em 1964, estava prevista a instalação de 2 mil círculos de cultura para 20 milhões de analfabetos. O golpe militar, no entanto, interrompeu os trabalhos bem no início e reprimiu toda a mobilização já conquistada (Gadotti, 1996 p72).

O Plano Nacional de Alfabetização utilizou o método Paulo Freire que trouxe a palavra do povo como elemento de palavras geradoras. Dessa forma a leitura do mundo possibilitava o uso de expressões orais pertencente ao universo do grupo que posteriormente seriam escritas. Assim, a leitura do mundo possibilitaria um contato com a realidade concreta do educando.

Instituído nos termos do Decreto número 53465 de 21 de janeiro de 1964, e realizado enquanto durou, mediante o emprego do método de Paulo Freire, o programa nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura atendia a muitos aspectos às características da educação popular, preconizava a alfabetização e a conscientização de todos, mesmo se nem todos estivessem conscientes de suas necessidades de educação. Seus conteúdos estavam vinculados a um particular projeto de melhoria da sociedade. (Beisiegel, 1982 p 52)

Atuou com sucesso junto às classes populares alfabetizando adultos no nordeste brasileiro e pela primeira vez na história do Brasil, o governo Federal promoveu um movimento nacional para alfabetização de adultos, Paulo Freire foi convidado para coordenar o Plano Nacional de Alfabetização, devido a eficácia de seu método de ensino aplicado no Nordeste brasileiro. Porém tal projeto fora interrompido pela ditadura militar, Paulo Freire foi considerado um subversivo e preso pelos militares.

Quando Paulo Freire assumiu o compromisso com a alfabetização de adultos, organizou os chamados círculos de cultura que eram pequenos grupos de pessoas

que se encontravam para serem alfabetizados. A aprendizagem da leitura e da escrita aconteciam junto com a leitura da realidade.

Pensar a realidade e atuar sobre ela. (Gadotti, 1996, p 77)

Em um momento em que a educação popular ganhou projeção nacional com o Plano Nacional de Alfabetização Freire buscou por meio da educação a democratização social, ora em uma sociedade marcada pela desigualdade social onde como explica Freire no livro (2001) de acordo com a história da formação da nação brasileira, o povo não participou das decisões políticas do país e pela sua inexperiência permanecia a margem desta sociedade.

Então, a luta pela alfabetização passava pela conscientização popular.

Não se trata propriamente de que a alfabetização suceda a conscientização ou que essa se apresente como condição daquela Segundo essa pedagogia o aprendizado já é um modo de tornar consciência do real e como tal só pode dar dentro dessa tomada de consciência (Weffort, 2001, 16).

O autor explica que não estava preocupado somente em criar um método mecânico que permitisse ensinar rapidamente a escrita e a leitura. É certo que o método devia possibilitar ao analfabeto aprender os mecanismos de sua própria língua. Mas, simultaneamente, esse método devia possibilitar à compreensão de seu papel no mundo e de sua inserção na história. (Beisiegel, 1892 p 56)

O diálogo no método de alfabetização proposto por Paulo Freire oferecia aos educandos uma prática da palavra a respeito do seu mundo. Neste processo, as pessoas aprendiam a ler e a escrever dominando as técnicas que estas atividades exigem e exercendo uma reflexão sobre suas experiências. Colaborando para a formação de um pensamento crítico a respeito do cotidiano, visto que, predominava entre o povo uma visão de mundo, às vezes ingênua, às vezes mágica da realidade.

Então, para mim, o processo de alfabetização válido entre nós é aquele que, inclusive, discute isso com o alfabetizando. É aquele que não se satisfaz apenas e agora, volta a uma afirmação que eu venho fazendo há anos neste país – com a leitura da palavra, mas que se dedica também a estabelecer uma relação dialética entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, a leitura da realidade (Freire, 2001, p. 134).

Paulo Freire elaborou um método de ensino da leitura e da escrita da palavra em que o educador se coloca numa relação de diálogo com os educandos. Essa relação inclui o respeito ao saber do educando, da sua realidade, enfim, do seu mundo e desse modo não se constitui num método de ensino mecânico, mas num método dinâmico. Em seu método de ensino Paulo Freire apresentou o diálogo como ponto de partida para a sistematização de novas formas de aprendizagens. Dando prosseguimento a pesquisa coloca-se em foco o diálogo na perspectiva freireana.

CAPÍTULO II – A CONCEPÇÃO FREIREANA DO DIÁLOGO

2.0 - A Pedagogia Dialógica

De acordo com pergunta inicial busca-se compreender o que significa o diálogo e suas implicações pedagógicas na perspectiva freireana. Dessa forma, faz-se necessário refletir e analisar algumas das considerações de Paulo Freire presentes na obra Pedagogia do oprimido escrito na década de 60 e trinta anos depois, o autor comenta numa entrevista para a Revista Veja publicado no livro Pedagogia dos Sonhos Possíveis organizado pela sua esposa Ana Maria Araújo Freire (2001 p. 211) sobre a atualidade do livro Pedagogia do Oprimido

Em resumo, respondendo mais objetivamente a tua primeira pergunta, acho que uma das coisas que nos colocam hoje, no fim do século, que é também o fim do milênio e exatamente a coragem de estar trabalhando pela superação das condições históricas que mantêm a opressão econômica e social. Nesse sentido, eu diria, sem nenhuma arrogância, que a Pedagogia do oprimido é hoje mais atual de que quando foi publicado, há trinta anos. E que esse é o clima: o clima histórico não é aquele que chora ou aquele que comentava o desaparecimento do sonho socialista, mas aquele que afirma a necessidade e possibilidade de concretização deste sonho.

Na obra *Pedagogia do oprimido*, o autor descreve o diálogo como possibilidade de superar a leitura ingênua da realidade e de produzir questões concretas a respeito do mundo no qual vive o educando e por isso, o diálogo possui um papel fundamental na educação. E para complementar a relação entre o diálogo e a educação na perspectiva freireana Moacir Gadotti chamou de pedagogia dialógica.

A proposta de Paulo Freire para uma pedagogia dialógica consiste em:

por em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber, deve antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem 'perdido', fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber. (Gadotti, 1989, p 69)

Assim, a pedagogia dialógica propõe o diálogo como ponto de partida para a realização de novas aprendizagens. Algo assim: estabelece-se o diálogo, o educador passa a utilizar informações do universo do próprio educando que sirvam de base para ampliação do conhecimento de todos os envolvidos no grupo. Isso não se dá de forma espontaneísta, mas por meio de uma rigorosa sistematização do tema a ser ensinado e tudo isso somado ao respeito pelo saber do aluno.

Os educadores verdadeiramente democráticos não estão – são dialógicos. Uma das tarefas substantiva em nossa sociedade é gerar esse clima dialógico. (Freire, 2001, p 81)

Partindo dessa afirmação, o que se coloca é o diálogo como uma proposta para o processo educativo mais democrático. No livro *Pedagogia do Oprimido*, o autor se refere ao diálogo com as seguintes palavras.

Se é dizendo a palavra com que, pronunciando o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes.” (Freire, 1975, p93)

Assim, segundo Paulo Freire, (1975) o diálogo é uma comunicação entre homens, que se encontram para falar de si mesmos e do mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, contudo, nesta experiência. Ele afirma que o diálogo é uma necessidade existencial, um exercício da reflexão, que ultrapassa a própria experiência e pode promover uma discussão em busca de uma compreensão crítica da realidade que visualizar nela suas contradições. O diálogo é considerado pelo autor (1975) como uma exigência existencial capaz de estabelecer modos de comunicação, que podem ultrapassar as experiências imediatamente vividas, construindo, assim, um pensar crítico sobre a realidade.

No livro *Pedagogia da Autonomia* Paulo Freire (2001 p. 55) escreve.

Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou a sua inconclusão é próprio de sua experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.

Para ele, todo o homem tem a tarefa de humanizar-se. Esse processo tem início no grupo social. Descreve o homem como um ser em constante construção, consciente deste estado de inconclusão, capaz de se criar e recriar pelo seu trabalho, numa perspectiva histórica de constantes mudanças e transformações com as quais permite a produção de sua existência.

"O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu." (Freire, 1975, p 93)

A existência humana por sua vez evoca a palavra verdadeira capaz de enunciar sua experiência no mundo. Ao contrário da palavra verdadeira, o autor comenta a respeito de falsas palavras, entendidas como verbalismos distanciados da práxis. Dessa forma, o diálogo não deve ser compreendido, explica Paulo Freire (1975) como um ato de transferir ou depositar idéias uns nos outros. Uns considerados produtores e outros consumidores de palavras carregadas de ideologias, modos de pensar e estilos de vida.

E o diálogo como um encontro permite o refletir e o agir entre os sujeitos. O autor (1975) comentava que somente existe o diálogo quando há amor, fé, confiança, humildade, em busca de um pensar crítico. Por meio do dialogo, os homens podem humanizar-se, produzindo a cultura e transformando o mundo.

O autor (1975) explicou que é necessário o amor para que o diálogo aconteça, um ato de criação e não de dominação. Sem o amor a pronuncia do mundo passa a ser um instrumento de conquista, uma discussão guerreira, em que

as palavras consideradas verdadeiras passavam a ser uma imposição. O diálogo é um ato amoroso quando gerador de atos de liberdade.

Paulo Freire (1975) explicava que a fé no diálogo é a crença no homem do ser mais pelo poder de criar e recriar sua existência. Contudo, não é uma fé ingênua manipuladas por ideologias, mas uma fé que enfrenta desafios do cotidiano em situações concretas, gerando a confiança necessária a formação de companheiros que participam de um mesmo processo histórico.

Se o diálogo acontece numa relação horizontal entre os homens, a humildade se faz necessária nesta relação e por isso, o diálogo não pode ser um ato arrogante, onde o outro é visto como ignorante por alguns eleitos sábios, fechados à contribuição dos demais. Aos eleitos cabem à tarefa de educar enquanto aos outros apenas escutar e obedecer, numa relação de dominação e exploração.

O diálogo passava a ter um papel central na educação, como forma de valorização da cultura popular em busca de sistematizar um saber até então ignorado pelas elites pensantes do país, o saber popular. Uma nação onde o analfabetismo predominava entre os jovens e adultos da população pobre e urbana, condenando-os a pedagogia do silêncio. Esse termo foi usado por Freire para denunciar as condições de milhares de analfabetos que se encontravam entre a população brasileira.

Em busca de uma sociedade democrática, Paulo Freire propõe uma reflexão sobre o ato de educar como ato político e o diálogo como a comunicação

entre os homens que deixam o estado de silêncio e passam a pronunciar a sua palavra. Assim, considera-se necessário, na presente pesquisa, pontuar algumas informações que o autor fez sobre o silêncio e sobre a palavra para retomar ao diálogo, buscando uma melhor compreensão da pedagogia dialógica.

Paulo Freire foi um dos pensadores que trouxe o silêncio para o campo da discussão. Ele denunciou a situação de silêncio em que milhares de pessoas se encontravam. Para ele, o silêncio se caracterizava pela falta do saber a respeito da língua escrita.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado, aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (Freire, 1975, p 92)

Pode-se observar que Paulo Freire (1975) colocou a existência humana como o produto da ação, do trabalho. Ação coletiva que tem na palavra a sua força de expressão. Não de palavras falsas, mas de palavras capazes de estabelecer mudanças e transformar o mundo. O silêncio preserva a ordem social no mundo em que as relações de exploração ocorrem de modo quase natural. Desse modo, sem exigir dos sujeitos nenhuma postura e nenhuma mudança e sem a possibilidade de problematizar as formas de existência elaboradas pelo grupo de pessoas, o silêncio impõe o determinismo e esconde os elementos condicionantes construídos historicamente e que são passíveis de discussão e de mudanças.

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o ser inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta a influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. (Freire, 2001, p 59)

Paulo Freire afirma (1975, p 92) que não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. E existir é pronunciar o mundo.

Em seus primeiros trabalhos sobre a alfabetização Paulo Freire observou que no Brasil, durante a década de 60, o analfabetismo condenava milhares de pessoas a viver no silêncio. O que evidencia a cultura do silêncio, como a dificuldade do acesso à palavra escrita e do enunciado a respeito do mundo em que vivia o educando, devido a falta de políticas públicas destinada à formação de uma pedagogia para as classes populares.

Os trabalhos de Paulo Freire tinham como meta romper o silêncio pelo exercício da palavra acerca da realidade concreta dos estudantes. Para que os mesmos se reconheçam como criadores conscientes de sua cultura.

Quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo a palavra. Mas ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos.(Freire, 1975, p 67)

Neste trecho Paulo Freire afirma que, ao observar o diálogo, como fenômeno humano, é necessário analisar a palavra e os seus elementos constitutivos.

A palavra apresenta duas dimensões: ação e reflexão, e a interação entre essas dimensões se faz de maneira tão radical que o diálogo só funciona quando existe correspondência entre elas. A palavra verdadeira se refere à práxis. Então, pode-se observar que o diálogo, para Paulo Freire (1975) tem na palavra o ponto de partida para a leitura da realidade concreta do educando, não a palavra que aliena, mas sim a palavra verdadeira que transforma o mundo.

A dicotomia entre as dimensões que constitui a palavra resulta na palavra inautêntica, que perde seu poder de transformar a realidade. Sem a ação, a palavra se transforma em verbalismo. A reflexão proposta na sua forma alienada e alienante, dela não se pode esperar mudanças e transformações do mundo, pois não gera a denúncia e nem o compromisso, apenas o verbalismo.

Quando se considera somente a ação sem a reflexão, a palavra se restringe ao ativismo. De tal maneira, que a ação somente pela ação desconsiderada da reflexão, nega também à práxis verdadeira. Tanto o verbalismo como o ativismo são duas impossibilidades do diálogo. O autor (1975) enfatiza a palavra verdadeira, na sua forma ação e reflexão, que é o trabalho, que é a práxis, que permite a transformação do mundo.

No diálogo, a palavra verdadeira é democrática, não é privilégio de alguns, mas de todos os homens e ninguém pode dizê-la sozinha. Quando Paulo Freire, 1975 analisou as relações de dominação na sociedade brasileira, observou que a população urbana passava por um intenso sistema de massificação.

Daí que, estabelecida a relação opressora, esteja inaugurada a violência, que jamais foi até hoje, na história, deflagrada pelo oprimido. (Freire, 1975, p45)

Neste pequeno comentário, pode-se observar a ação das elites sobre o povo. Uma ação que visava doutrinar e adaptar os homens a realidade dos opressores. As ideologias produzidas pelas elites dominadoras exerciam uma política eficiente e uma ação apassivadora que atuava na consciência do povo. Colocando a situação de opressão como um fato natural, um acontecimento alheio à atividade humana e permanente no tempo e dessa forma, ficava oculta, a idéia de que a consciência é produto da história que é construída pelos homens e pode ser modificada pela ação coletiva.

A elite produzia um pensamento que se hospedava na consciência do povo, dificultando que o mesmo pudesse fazer a leitura da realidade e de pronunciar a sua palavra, uma palavra autêntica, construída na percepção de si mesmo e do mundo e não uma palavra alienada, que fazia referencia ao mundo do opressor, como forma legítima da realidade.

Dessa forma, refletir, avaliar, investigar, programar são especificidades do ser humano que constrói uma consciência critica de si e do mundo.

Uma visão de mundo a qual reflete a situação do homem o constitui. A vida torna-se existência.

Segundo Paulo Freire a percepção da ação fornece ao homem as palavras que permitem a leitura do mundo. A leitura da experiência existencial. A qual precede a leitura da palavra escrita.

Portanto, é necessário exercer a leitura da palavra na realidade social, objetiva, produto da ação dos homens, que acontece no processo histórico, cujos agentes são os próprios homens e pode ser transformada por eles. O povo, condicionado à realidade opressora, permanecia prejudicado na leitura do seu mundo e sua práxis continuava a reproduzir as relações de opressão presente na sociedade. Neste contexto, a transformação social se constitui como tarefa de todos os homens, principalmente das classes populares, que buscam a liberdade, não na tentativa de se tornarem opressores, mas como uma ação social de libertação de todos.

O poder de pronunciar a palavra verdadeira é para Paulo Freire um elemento humanizador. Uma vez que a violência dos opressores retira das pessoas a oportunidade de se tornarem humanos e, uma vez desumanizados, instaura nos grupos sociais a dualidade do ser mais contra o ser menos. Nasce, então, o conflito social entre opressores e oprimidos, que Paulo Freire aponta como a luta do ser mais contra o ser menos.

As elites, buscando o ser mais, expressam uma falsa generosidade em razão de seu poder, exercendo a opressão, a exploração, procurando preservar a ordem social que os mantém no poder. Retirando do outro a possibilidade de pronunciar a

palavra sobre seu mundo, inculcando ideologias como forma de legitimar a alienação e o domínio.

De acordo com o autor (1975), somente a participação do povo oprimido, como agentes restauradores de suas histórias e produtores de sua cultura, podem instituir a solidariedade verdadeira. Libertando a si mesmos e aos opressores dessas amarras sociais em busca de novas formas de relacionamentos humanos.

Os opressores apresentam aos oprimidos um mundo fechado, de falsas palavras, falsas generosidades, falsa solidariedade e assim progressivamente. Por sua vez, os oprimidos temem a liberdade, que se apresenta como uma conquista, uma busca permanente e não uma doação.

Assim diz o autor,(1975) que a luta pela liberdade nasce da sua ausência. A percepção da falta de liberdade é que promove a busca por ela. No cenário de opressão os oprimidos passam por um processo de adaptação e subordinados à engrenagem da estrutura dominadora, perpetuam a relação de opressão. Assim, o medo pela liberdade traz consigo o risco de um mundo novo.

O diálogo tal como propõe Paulo Freire busca romper com essa relação de opressão e propõe uma relação vertical entre os participantes que se comunicam na busca de construção de significados sobre a existência e sobre o mundo no qual vivem. Diferente das relações verticais existentes na educação tradicional onde predominava um saber social marcado pela hierarquia, pela autoridade e pelos interesses ideológicos proposto pelas elites brasileiras.

2.1 - A proposta do diálogo na escola tradicional

Paulo Freire, ao fazer a análise das relações entre educador e educando na escola tradicional, observou que predominam o uso de palavras narrativas e dissertativas.

Na concepção bancária, predominam relações narradoras e dissertadoras. A educação torna-se um ato de depositar (como nos bancos), o saber é uma doação, dos que se julgam sábios, aos que nada sabem. (Gadotti, 1989, p 69)

A função de narrar do professor faz dele um sujeito possuidor da palavra e o educando um objeto ouvinte da palavra. O que se narra são os conteúdos, destituídos de valores e muitas vezes apartados da realidade do aluno.

A narração, de que o educador é sujeito, conduz o educando à memorização mecânica do conteúdo narrado. (Freire, 1975, p 66)

O sujeito narrador escolhe o assunto tratando a realidade como algo parado, estático, às vezes fora da experiência existencial do educando. Sua tarefa é encher os alunos de seus conteúdos, retalhos da realidade, desconectado da visão do todo.

O professor autoritário, que recusa escutar os alunos, se fecha a essa aventura criadora. Nega a si mesmo a participação neste momento de boniteza singular: de afirmação do educando como sujeito do conhecimento. Freire, 2001, p 141

Assim a palavra permanece alheia ao que permitiria a produção de , significados, torna-se uma palavra, vazia de sua dimensão concreta, quase oca, memorizada mecanicamente e transforma-se em verbosidade alienada e alienante.

A sonoridade ganha destaque sem dar à importância à significação. Por isso, a escola tradicional, chamada por Paulo Freire de escola bancária, não comporta a palavra com a força transformadora, e mantém a contradição refletindo a sociedade opressora.

Na concepção bancária que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da cultura do silêncio, a educação bancária mantém e estimula a contradição. (Freire, 1975, p 67)

Nesta escola, a educação prioriza o ato de depositar, transmitir e transferir conhecimentos reforçando a cultura do silêncio. Onde os educandos são aqueles que não sabem como consequência, escutam para serem disciplinados de acordo com a prescrição do educador. Assim, a educação bancária mantém a distância entre os que sabem e os que não sabem.

CAPÍTULO III – PAULO FREIRE E A FORMAÇÃO DO EDUCADOR

3.0 – A Proposta Freireana do Diálogo para a Formação do Educador

A desconsideração total pela formação integral do ser humano e a sua redução a puro treino fortalece a maneira de falar de cima para baixo. Nesse caso, falar a, que, na perspectiva democrática é um possível momento do falar com nem se quer é ensaiado. (Freire, 2001,p 130)

Essa análise sobre a realidade educacional no país mostra que por uma opção política, o sistema de ensino público estatal, criado e sustentado para o atendimento da maioria da população vem priorizando o simples treinamento e por isso desconsidera a formação integral do ser humano.

É isso que se encontra no miolo pragmático sobre a educação. A utopia da solidariedade cede seu lugar ao treino técnico dirigido para sobreviver num mundo sem sonhos que já criaram demasiados problemas. Nesse caso, o que vale é treinar os educandos para que se virem bem. (Freire, 2001, p 81)

Ao fazer a denúncia da educação neoliberal expressa como democrática cada vez mais presente no contexto educacional brasileiro Freire alerta para esse discurso que vem sendo imposto aos educadores de maneira quase natural, de modo autoritário, por meio das políticas públicas para a educação.

Os sistemas de avaliação pedagógicas de alunos e de professores vem se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mas insistindo em passar por democráticos.(Freire, 2001, p 131)

Neste contexto, as propostas de Paulo Freire são atuais e colaboram para a formação do pedagogo afirmando a necessidade de valorizar o diálogo no meio educacional. Considerando a escola como ambiente a que se destina as políticas públicas educacionais e não há educador neutro, pois como afirma Freire, todo ato de educar é um ato político.

Por apresentar o diálogo uma horizontalidade que permite ao educando o acesso e a participação na construção do conhecimento elaborado a partir de uma rigorosidade metódica. A qual retira o educando do contexto concreto e o conduz a um contexto teórico.

No contexto teórico tomamos distância do contexto concreto para, objetivando-o, examinar criticamente o que nele se realiza. (Freire, 2001, p 77)

Quanto mais me torno rigoroso na minha prática de conhecer, tanto mais, porque crítico, respeito devo guardar pelo saber ingênuo a ser superado pelo saber produzido através do exercício da curiosidade epistemológica. (Freire, 2001 p 71)

O saber construído na pedagogia dialógica emerge do contexto concreto e pela atividade rigorosa da aplicação do método faz do educando um agente

participativo no processo de conhecer. Isso significa que o aprendiz passa a conhecer o seu objeto de estudo, com rigor e dele se apropria, transformando-se em sujeito do conhecimento.

Enfim, quando Paulo Freire propõe o diálogo na prática educacional reafirma a posição do educador de ensinar e a do educando de aprender. Problematizando a realidade através da pronuncia da palavra sobre o seu mundo. Respeitando a leitura do mundo de quem exercita o diálogo, sua cultura e modos de estar no mundo.

Assim, o diálogo pedagógico é uma das propostas de que podemos nos valer para um projeto consistente de educação popular, sobretudo nesse contexto em que a educação neoliberal se impõe como hegemônica. Apostar em um diálogo que busque superar uma leitura ingênua da realidade, por meio de um ensino sistematizado e um rigor comprometido com o universo do educando e desta maneira educar será sempre educar para uma sociedade mais solidária.

Considerações Finais

Se a pergunta inicial que deu origem a presente pesquisa, refere-se ao diálogo, considerando o significado e suas implicações Pedagógicas. A resposta a esta pergunta, de acordo com as considerações feitas sobre o pensamento de Paulo Freire destacada nesta pesquisa, abrange algumas possibilidades para a reflexão.

Em primeiro lugar, Paulo Freire compreende o homem como ser histórico, consciente de seu estado de inconclusão o que lhe atribui poder para produzir mudanças em sua existência. As mudanças são consideradas pelo autor como produto da ação coletiva e não como um ato solitário, portanto, isolado. Por isso, todo ato de educar se constitui como ato político que não pode ser considerado neutro, porque apresenta uma visão de homem e de mundo.

Em segundo lugar, o autor coloca o homem como ser que se comunica e pelo exercício da palavra com os seus semelhantes relata suas experiências, fruto de sua existência o que resulta no diálogo.

Em terceiro lugar, Paulo Freire propõe uma pedagogia dialógica, na qual o educando aprende a dizer a sua palavra, a entrar em comunicação com os seus pares com os quais aprende a pronunciar o seu mundo, considerando as suas vivências e tornando-se capaz de criar e recriar a sua cultura por meio do trabalho.

Em quarto lugar, o autor denuncia algumas impossibilidades para que o diálogo aconteça em tres pontos: A primeira diz respeito ao estado de dominação, onde as relações se dão num plano vertical, onde há o sujeito que pronuncia a palavra e o objeto que escuta e obedece. A segunda faz referencia ao isolamento social, no qual o sujeito permanece desconectado do seu grupo social. A terceira corresponde à arrogância daqueles que sabem e desejam dominar o saber para manter o poder. E assim, caracteriza a descrença no homem, marcada pela impossibilidade no diálogo, porque não acredita na capacidade de todos os homens produzirem um pensamento crítico a respeito da realidade a qual pertencem.

Assim, o dialogo como propõe Paulo Freire acena como contribuição para a formação do pedagogo como elemento de resistência e alternativa para a proposta neoliberal que, amparada num forte aparelho ideológico busca apenas o treinamento técnico do individuo

Dessa forma, o recurso ao diálogo do qual lança mão Paulo Freire nutre-se do amor, da confiança, da humildade e da fé entre os homens, numa relação que ultrapassa a exploração e pretende a liberdade de todos.

Bibliografia

BEISIEGEL, Celso Rui. **Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire: Educar para Transformar**. São Paulo, ed. Memória. 2005.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 20 ed. São Paulo: FENAME. 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**, vol.1, 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002., p 42.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **A voz da esposa: A trajetória de Paulo Freire.** In: GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia.** São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, Brasília, DF, UNESCO. 1996

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 25 ed. 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis** Org: FREIRE, Ana Maria Araújo. São Paulo: Unesp. 2001.p 210 - 211

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis.** Org: FREIRE, Ana Maria Araújo. São Paulo: Unesp. 2 ed. 2003.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira.** São Paulo: Olho d'água. 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se complementam.** São Paulo. 22ed. Cortez, 1988.

GADOTTI, Moacir. **Convite à Leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.

GHIRALDELLI Jr. História da Educação. São Paulo: Cortez, 1990. Coleção Magistério, série formação do professor. P 120 a 126.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Trad: Irene Pereira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Unicamp, p 535 a 549, 1995.

